Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil **Class.:** SRR00001

Data: 12.07.71 **Pg.:**

Boato incrimina branco na morte de Possidônio

Brasília (Sucursal) — Depois da suspeita de que suruís e não cintas-largas atacaram o pôsto da Funai às margens do rio Roosevelt, surgiu ontem, nesta capital, o forte rumor de que foram homens brancos, ligados a uma emprêsa imobiliária, que simularam o ataque indígena para se livrar do sertanista Possidônio Bastos.

O rumor ganhou fôrça com base na informação de que aquêle sertanista e jornalista estaria desaparecido desde outubro e de que dispunha de fotografias mostrando brancos massacrando índios no Parque Indígena do Aripuanã, onde vivem os cintas-largas, suruís e bôcas negras. Segundo se anunciou, Possidônio Bastos morreu no dia 22 de novembro.

HOUVE TIROS

Dez dias depois da sua morte, na tarde da última sexta-feira, o caso foi divulgado involuntàriamente por uma autoridade durante entrevista coletiva. Pouco depois, o presidente da Funai, General Bandeira de Melo, confirmava o ataque, tendo ditado para mais de 10 repórteres um *press-release*. Sob o intertítulo *Triste Descoberta*, o General ditou que "o servidor Possidônio havia sido encontrado prêso às ramas da margem esquerda do rio Roosevelt, a dois quilômetros do subpôsto. O servidor fôra morto com duas flechadas nas costas e outras agressões."

Um repórter interrompeu o ditado para perguntar que tipo de agressões foram praticadas, tendo o General Bandeira de Melo respondido: "Várias outras agressões." O repórter (de uma agência de notícias estrangeira), procurando especificar os tipos, indagou: "Tiros também?"

— Tiros também — afirmou o General, explicando, em seguida, que houve outras agressões físicas (além das flechadas e dos tiros), pois quando o índio mata êle costuma machucar bastante o corpo da vítima. Disse ainda o General que os cintas-largas levaram as armas de fogo do acampamento.

Além da primeira informação de que foram os cintas-largas os autores do ataque, há agora mais duas versões. Uma, levantada por técnicos da Funai, de que foram os suruís os agressores, e outra de que foram homens brancos, a serviço de uma emprêsa imobiliária que tem interêsse no território indígena.